

REFLEXOS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL DURANTE A PANDEMIA

Priscila Caroline Dalpiaz ¹
Ketlin Braatz ²

RESUMO

Esse trabalho discorre sobre o desenvolvimento das crianças no cenário atual da pandemia Covid-19, a partir da experiência profissional amparada com as publicações já realizadas e disponíveis na internet. O objetivo da pesquisa é analisar os reflexos do desenvolvimento infantil de crianças bem pequenas durante a pandemia acerca da experiência profissional das autoras, mas também e fundamentalmente com base nas publicações de artigos sobre o tema, tendo como palavras-chave de busca educação e pandemia. As marcas da pandemia ficaram em muitas pessoas pelas perdas, pelas dificuldades enfrentadas nesses tempos, mas como professoras percebemos que as crianças também tiveram que enfrentar as dificuldades de estar longe dos colegas, das professoras, da aprendizagem, das brincadeiras.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil, Educação Infantil, Pandemia.

INTRODUÇÃO

Vivemos tempos difíceis com o surgimento de um vírus que mata mais de 1000 pessoas por dia. Nos anos de 2020 e 2021 a pandemia fez a educação repensar os processos de ensino-aprendizagem e a forma de garantir essa formação tanto na aprendizagem como na formação humana. Os profissionais da educação não tiveram tempo de se preparar para esse novo modelo de educação e isso deixou muitas marcas no processo de educação.

A Educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica, nessa modalidade de ensino percebe-se uma das etapas mais importantes da vida humana. É nesse período que as crianças pequenas têm contato com outras crianças de diferentes idades, contextos familiares e condições econômicas. As crianças que frequentam centros de educação infantil desde muito pequenas começam a interagir e descobrir o mundo à sua volta, aprendendo a conviver e respeitar as diferenças culturais. Infelizmente no ano de 2020 e 2021 essas relações foram cessadas.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, pcdalpiaz@gmail.com;

² Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, kbraatz26@gmail.com;

Este artigo tem como objetivo analisar os reflexos do desenvolvimento infantil de crianças bem pequenas durante a pandemia acerca da experiência profissional das autoras, mas também e fundamentalmente com base nas publicações de artigos sobre o tema educação e pandemia, como palavras-chave de busca.

METODOLOGIA

A pesquisa se caracteriza como qualitativa de caráter exploratório, utilizando como instrumento para produção dos dados artigos publicados e experiência profissional, “[...] enfatizando-se uma visão dinâmica da sociedade e procurando-se estabelecer pontes entre os níveis micro e macro” (VELHO, 2003, p. 16).

A proposição do presente texto é compartilhar as reflexões realizadas no nosso processo profissional como educadoras da Educação Infantil, focalizando, especificamente, nas pesquisas realizadas no tema atual sobre educação e pandemia. Como é um tema muito recente de pesquisa é necessário compartilhar com as nossas vivências nesse processo de educação. Nesse sentido, buscamos tecer reflexões sobre uma prática que possibilite a troca de saberes e a entrada do técnico no contexto social como intermediário para as ações” (BRANDÃO, 1984).

A necessidade de pesquisar sobre o tema surgiu a partir do perfil de crianças pequenas que retornaram aos centros de educação infantil no ano de 2021, mas também a partir das publicações já realizadas no campo da educação, que fazem ênfase a essa etapa e o desenvolvimento dela.

A EDUCAÇÃO INFANTIL ANTES DA PANDEMIA

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, nessa inserção as crianças que frequentam têm entre 0 a 5 anos de 11 meses. Esse processo inicial de formação é desafiador, principalmente porque se inicia uma nova história das crianças nas instituições de educação.

É na Educação Infantil que se estabelece formas de ensino que potencializam cada criança como ser social, valorizando suas histórias de vidas, seus pensamentos, questionamentos, saberes para a construção coletiva da formação social, “as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção

do mundo adulto e a infância é uma forma estrutural ou parte da sociedade” (CORSARO, 2011, p.16).

Compreender esse processo de formação é essencial para a constituição da Educação Infantil, já que se entende que é desde pequeno que as crianças criam significados sobre o mundo e as relações sociais. As instituições escolares devem favorecer para uma infância que seja, “um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de encantar [...] um lugar de compartilhar [...] um tempo de nada e um tempo de tudo [...] um pequeno grande mundo, onde dimensões múltiplas se mesclam”. (REDIN, 2007, p. 17).

Nesse sentido, as instituições de educação infantil têm como papel fundamental despertar as crianças para a percepção do mundo, sendo críticas, respeitosas e essencialmente humanas, na qual elas estão inseridas, “essa é a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação” (KOHAN, 2002, s.p.).

Esse tempo de Educação Infantil que não deveria ficar somente nessa etapa e sim se espalhar, como diria Guattari e Deleuze (1997), uma infância “rizomática”. Uma infância que não tenha somente um começo, mas uma formação de infância para a vida. Parece muito filosófico pensar uma infância para a vida, já que em muitos momentos não respeitamos nem essa etapa e inserimos essas infâncias em “alunos” escolarizados (MASSCHELEIN, 2003).

A educação infantil é fundamentalmente reconhecida no Brasil e amparadas por legislações e documentos norteadores que intensificam essa etapa de formação como sendo histórica e respeitosa, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

[...] sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL 2010, p.12).

As instituições de Educação Infantil devem ser pensadas como um espaço de aprendizagens, que potencializam a criação, a interação e as brincadeiras, nesse sentido “a escola para a infância precisará constituir-se nesse tempo e espaço transformando o lugar em sentidos, de construção de identidades” (REDIN, 2007, p.17). É neste sentido, que as crianças são responsabilidades sociais, tanto das famílias, quanto do Estado e da

sociedade. Todos/as têm responsabilidades com as crianças e adolescentes na nossa sociedade.

A Educação Infantil é um tempo que acontece que vai se perdendo na sociedade, nessa etapa da educação, as crianças brincam, se expressam, se realizam, dramatizam, desenvolvem a criatividade, exploram mundos muitas vezes impossíveis para o adulto, o mundo das criações.

A infância que acontecia nas instituições escolares de Educação Infantil antes da pandemia do Covid-19, era de momentos de brincadeiras, interações e linguagens. Uma infância de potência que convivia com pessoas diferentes do convívio familiar, brincava com crianças de diferentes idades e contextos de vida. A pandemia começou e essas infâncias tiveram mudanças drásticas. No próximo item vamos desenvolver um pouco dessa infância que foi isolada e que está começando a se inserir novamente nas instituições de Educação Infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL PÓS PANDEMIA

A modalidade de ensino remoto/distância passou a fazer parte do dia a dia das crianças, fazendo com que o convívio diário das instituições escolares com pessoas de diferentes jeitos, vidas e histórias, fossem substituídos por aparelhos eletrônicos. Sabe-se que essa modalidade precisou acontecer para proteger a todos/todas do contágio do Covid-19.

Para que o ensino remoto/distância ocorra de forma expressiva para as crianças, é necessário e fundamental que as famílias tenham acesso a equipamentos tecnológicos e a internet. Além de assistência básica tanto tecnológica quanto financeira, para assim poder dar continuidade ao que foi/está sendo proposto pelo educador. Nesse sentido, o cenário ainda recente deixa dúvidas e desafios a serem pensados, principalmente diante da necessidade de isolamento social. As instituições de educação precisam estar atentas a diversas estratégias para manter os cuidados necessários das crianças, mas também pensar na aproximação das instituições de educação com os limites das tecnologias, gerando uma forma de estar e fazer educação nesses cenários.

Além das grandes perdas do processo de aprendizagem formal, as crianças estão sendo privadas da necessária socialização com os pares, em que ocorrem aprendizados significativos para o desenvolvimento humano, tais como: experiências lúdicas compartilhadas, que implica em interações

proximais face a face; cooperação; convivência com as diferenças; compartilhamento de decisões; enfrentamento de desafios; negociação de conflitos; adiamento de gratificações; espera da sua vez; exercício controle de impulsos; entre outras habilidades. (LINHARES; ENUMO, 2020, p. 4).

As instituições de Educação Infantil caminham na busca por adaptações a essa realidade atípica ao que fomos e estamos inseridos. Ao propormos uma reflexão acerca do ensino remoto/distância na Educação Infantil, devemos antes identificar o fazer pedagógico, que ainda precisa romper com o assistencialismo instituído ao longo dos anos. Além disso, é necessário “não dar voz às crianças, fazê-las falar com a nossa voz, mas darmos ouvidos àquilo que estão dizendo” (GALLO, 2010, p. 120). Para que isso aconteça, as crianças devem ser a voz da experiência e vivência que tiveram nesses tempos difíceis, como elas compreendem, o que mais sentiram falta.

O que as crianças falam pode subsidiar ações a seu favor e contribuir para mudanças que as beneficiem, porque o seu ponto de vista traz elementos que fortalecem pessoas e entidades preocupadas com os interesses das crianças e que desenvolvem ações para construir melhores condições para que a criança viva a sua infância (CRUZ, 2008, p. 14).

Durante o tempo fora das instituições de educação infantil, muitas crianças passaram por momentos de grande isolamento social, tendo contato apenas com a família. Sem convivência com outras pessoas que não fossem do seu círculo familiar, a criança deixa de vivenciar experiências, o que foi possível perceber facilmente no retorno às instituições.

Desde o dia 17 de março de 2020, o decreto nº 515 estabelecido pelo governador do Estado de Santa Catarina que diz:

Art. 1º Fica declarada situação de emergência em todo o território catarinense, para fins de prevenção e enfrentamento à epidemia da COVID-19. Art. 2º Para enfrentamento da situação de emergência declarada no art. 1º deste Decreto, ficam suspensas, em todo o território catarinense, sob regime de quarentena, nos termos do inciso II do art. 2º da Lei federal nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, pelo período de 7 (sete) dias. (SANTA CATARINA, 2020, p. 1).

Naquele tempo, pensávamos que realmente tudo se resolveria em apenas uma semana de quarentena, mas infelizmente não foi isso que aconteceu, e a educação está sofrendo com os reflexos desses tempos incertos que ainda estamos vivendo. Todos muito inseguros e desorientados, professores e familiares buscando um meio de lidarem com essa nova realidade.

Uma educação para um mundo em constante transformação solicita o fortalecimento da unidade interior e a necessidade de privilegiar o desenvolvimento da intuição e da criatividade, aquele tipo de conhecimento

mais espontâneo, que vem das profundezas do ser, que envolve um tipo de saber que une o mundo interno com o externo, algo que estava implícito e que se desdobra de forma concentrada e repentina, que se faz presente, que se esclarece e se estrutura (MORAES, 1997, p. 227).

Assim, a educação infantil precisou se reorganizar a fim de encontrar estratégias para continuar mantendo o vínculo com as famílias e as crianças. Nesse momento a tecnologia passou a receber maior visibilidade, visto que permitia aproximar e reunir as pessoas de forma segura respeitando as normas de segurança. Porém, como lidar com as famílias que não possuem acesso à internet ou a equipamentos eletrônicos? Surge então mais um desafio para a educação.

Formar para novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias da comunicação (PERRENOUD, 2000 p.128).

Em alguns estados brasileiros a educação infantil retornou gradualmente respeitando diversos protocolos de segurança, como uso obrigatório de máscaras para crianças com dois anos completos, limite de 50% por sala, escalonamento, possibilidade de ensino remoto ou híbrido. Ao retornar, nós como educadoras, tendo novamente o contato com as crianças, pudemos perceber grandes lacunas no desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. Muitas habilidades que deveriam ser atingidas por eles considerando a idade demonstraram fragilidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As marcas da pandemia ficaram em muitas pessoas pelas perdas, pelas dificuldades enfrentadas nesses tempos, mas como professoras percebemos que as crianças também tiveram que enfrentar as dificuldades de estar longe dos colegas, das professoras, da aprendizagem, das brincadeiras. Agora que as crianças estão retornando para as instituições percebe-se uma grande lacuna na aprendizagem, pois sabemos que pais não são educadores, mas sim família. Muitas pessoas são responsáveis por essas dificuldades, principalmente os governantes que dificultam a vida das pessoas. Famílias sem acesso à internet, sem condições básicas para buscar as atividades para seus filhos, sem compreensão sobre a educação e principalmente sem tempo para realizar essas atividades, já que precisavam trabalhar.

O problema social afeta a vida de todos e ainda mais na educação, mas já não se entende o que é educação, na fala de algumas pessoas, pois ainda se tem um olhar que a educação é assistencialista e que o papel das educadoras é só cuidar dessas crianças. Nosso país precisa avançar muito no entendimento do que é a educação, principalmente no que diz respeito à primeira etapa da educação básica, que é a educação infantil.

Um dos pontos que mais chamou atenção foi a oralidade, as crianças possuíam pouca troca com as educadoras por meio da oralidade e mais por sinais. Percebeu-se que as crianças verbalizaram pouco por não possuírem domínio da linguagem, o que sinaliza uma falta de estímulo por parte da família em relação a apropriação desse conhecimento. O que de certo modo é compreensível, pois com a criança inserida na educação infantil, tendo contato com outras crianças e adultos, ela receberia estímulos específicos para o seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que se pode concluir por meio das pesquisas já realizadas e pela vivência das autoras nas instituições de educação infantil, a pandemia vem ainda exigindo muito dos profissionais de educação em todos os níveis de ensino, e na educação infantil o maior desafio encontrado pelo educador foi o de continuar mantendo o vínculo com criança e família sem poder estabelecer contato físico. As propostas mediadas pelas tecnologias se caracterizaram por uma ruptura nas formas de fazer educação infantil, que acabaram demonstrando limitações dos profissionais.

Diante desse cenário, contar com a colaboração e participação da família se tornou algo indispensável, porém a realidade atual refletiu também nas casas das crianças que devido a condição social não tinham acesso a internet ou as ferramentas necessárias para o desenvolvimento das propostas, sendo as crianças as principais prejudicadas.

Por meio da realidade que foi estabelecida, compreende-se que as crianças sofreram com o processo de distanciamento, principalmente o distanciamento das instituições e descobertas que as educadoras/es proporcionam nesses espaços. As crianças inseridas nas instituições de educação infantil, necessitam conexão com experiências vividas dentro e fora das instituições de educação, principalmente para fazer sentido no processo de educação.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. 104.
- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artemed, 2011.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Apresentação. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p.12-31.
- GALLO, Silvio. **Infância e poder: algumas interrogações à escola**. In: KOHAN, Walter Omar (org.) **Devir-criança da filosofia: Infância da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- KOHAN. O. W. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. Rio de Janeiro: revista educação pública, 2002. Disponível em: Acesso em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>>. 24 jun 2021.
- LINHARES, M. B. M., & ENUMO, S. R. F. (2020). Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 37, e200089. p. 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/?lang=pt>>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Práxis).
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos– Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- REDIN, Marita Martins (Orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. p.14 - 84.
- SANTA CATARINA. **Decreto nº 515, de 17 de março de 2020**. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-515-2020-santa-catarina-declara-situacao-de-emergencia-em-todo-o-territorio-catarinense-nos-termos-do-cobrade-n-1-5-1-1-0-doencas-infecciosas-virais-para-fins-de-prevencao-e-enfrentamento-a-covid-19-e-estabelece-outras-providencias>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- VELHO, G. **O desafio da proximidade**. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 11-19.



JAN MASSCHELEIN. O ALUNO E A INFÂNCIA: A PROPÓSITO DO PEDAGÓGICO. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 82, p. 281-288, abril 2003 281. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 24 jun. 2021.